

## **Em defesa do socialismo e do marxismo**

Jales Dantas da Costa<sup>1</sup>

### **Resumo**

O artigo apresenta, tal como o seu título já anuncia, uma defesa do socialismo e do marxismo. O vigor de tais defesas é aqui fruto de cuidadoso trabalho de reconstrução e síntese do pensamento do sociólogo socialista: Florestan Fernandes. Para tanto, valemo-nos de diversos textos (publicados entre os anos de 1983 e 1995) que guardam preciosa atualidade. Urge retomá-los.

**Palavras-chave:** Socialismo; Marxismo; Florestan Fernandes.

## **En defensa del socialismo y del marxismo**

### **Resumen**

El artículo presenta, como el título ya anuncia, una defensa del socialismo y del marxismo. El efecto de tales defensas aquí es el resultado de un cuidadoso trabajo de reconstrucción y síntesis del pensamiento del sociólogo socialista: Florestan Fernandes. Para eso, hacemos uso de diversos textos (publicados entre los años 1983 y 1995) que mantienen una preciosa actualidad. Es urgente reanudarles.

**Palabras clave:** Socialismo; Marxismo; Florestan Fernandes.

## **In defense of Socialism and Marxism**

### **Summary**

As the title already expresses, the paper presents a defense of socialism and Marxism. These defenses resulted of a careful work of reconstruction and synthesis of the thought of a sociologist who was also a socialist: Florestan Fernandes. To do that work, several texts (published between 1983 and 1995) were used in order to keep their precious actuality showing that it is urgent to revisit them.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. Professor no Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, e Coordenador do Grupo de Pesquisa Revoluções e Contrarrevoluções.

**Keywords:** Socialism; Marxism; Florestan Fernandes.

## Introdução

No ano de 1995 Florestan afirmava que “*o desafio frontal do entroncamento do fim do século XX com o século XXI refere-se ao socialismo e ao comunismo. Nunca o que parece morto esteve tão vivo e chamejante*”. Apesar da derrocada da União das Repúblicas Socialista Soviética, novas circunstâncias alimentavam (e continuam a alimentar) o inconformismo dos que repudiam o capitalismo enquanto ordem social totalitária capaz de ignorar as estruturas e dinamismos reais. Ao retirar o socialismo e o comunismo da cena histórica, o “neoliberalismo” acabou por insuflar as massas anticapitalistas (FERNANDES, 1995a, p. 65-66, grifos meu).

O capitalismo monopolista já não pode mais esconder-se por detrás do espelho, não pode mais ocultar ideologicamente as periferias que nascem e crescem dentro e através dele. O “neoliberalismo” não foi mais do que uma representação rudimentar do modo de produção capitalista, e os seus crescentes abusos internos e externos não alimentam qualquer utopia “liberal e libertária”. Longe da ideia incoerente de “crise do marxismo”, está nascendo um “novo marxismo”, liberto das fórmulas simples “doutrinárias” e “escolásticas” (FERNANDES, 1995a, p. 67; 1980, p. 131-2).

Florestan Fernandes (1980, p. 132-133) argumentou que nesse “novo marxismo” à herança de Marx e Engels continuava a fornecer “a espinha dorsal, as ideias centrais, os valores e os alvos essenciais”, mas se diluíra para se tornar “um sistema universal de pensamento revolucionário”. O marxismo deixara de ser a “corrente revolucionária” do socialismo europeu no século XIX para se configurar como a única força histórica de alcance universal, capaz de oferecer diferentes vias de autorrealização e autoaperfeiçoamento do socialismo revolucionário, que no futuro converter-se-á no comunismo. Às linhas dadas pelo capitalismo e por sua dominação colonial ou imperialista de transformação do mundo moderno, foram destroçadas e recriadas em outro plano, segundo os vetores históricos proporcionados pelos ideais marxistas-leninistas de edificação do socialismo e de implantação do comunismo.

Nada mais distante da “morte do socialismo” e do “fim do comunismo”, bem como da ideia de “crise do marxismo”.

## Em defesa do socialismo<sup>2</sup>

No momento mesmo em que a União Soviética entrara em convulsão, entre fins dos anos 1980 e início dos 1990, Florestan respondeu à questão *O socialismo está morto?*<sup>3</sup> afirmando estar o “socialismo realmente existente” sendo soterrado ao mesmo tempo em que renascia a “luta ardente pelo socialismo vivo”. Renascia na medida em que o socialismo recupera a cabeça e o coração de muitos milhões de pessoas, abrindo novas opções que pareciam perdidas para sempre e rumos reformistas ou revolucionários que voltarão a subir de baixo para cima. O socialismo é posto sobre sua base lógica e real inevitável, a autogestão coletiva, a democracia da maioria, a liberdade maior, que associa organicamente igualdade, liberdade e busca da felicidade (FERNANDES, [1990] 1998, p. 163).

Criticou tanto o *wishful thinking* quanto os *setores dogmáticos da esquerda*. Estes por sacralizarem de forma antimarxista o fim automático do desenvolvimento capitalista oligopolista, por tomarem o “socialismo real” como equivalente do comunismo, e por seus apontamentos infantis sobre as tentativas de corrigir as deformações burocráticas na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). E aqueles por predisporem análises e esperanças tortuosas, tais como: o “neoliberalismo” suplantou definitivamente o comunismo; o mercado liquidou o planejamento etc. E também por voltarem ao mito do “fim das ideologias” no momento em que a própria efervescência de ideias e de paixões políticas demonstrava o quanto as ideologias estavam vivas. Lembrou que tal mito já custara caro aos países capitalistas centrais, e advertiu que caro também viria a custar aos capitalistas.

O reino da fábula da “vitória do mais forte” e a mistificação incrustada na representação do burguês como demiurgo do real se restabeleceram e forjaram ilusões que irão custar caro aos capitalistas, as Nações hegemônicas ou imperiais e formação política mundial de poder (FERNANDES, [1990] 1998, p. 162).

Havia “qualquer coisa de podre” no universo intelectual que não compreendia o significado da história em processo e preferia a especulação estéril de que “a história não existe”.

---

<sup>2</sup> Para sair *Em defesa do socialismo* valemo-nos de diversos textos de Florestan Fernandes que datam de 1989 a 1995. São eles: *Democracia e socialismo* (1989); *O socialismo está morto?* (1990); *A força dos acontecimentos* (1990); *Em defesa do socialismo* (1990); *Guerra Fria* (1990); *Trótski e a revolução* (1991); *Golpe de Estado e contra-revolução* (1991); *O teste do socialismo* (1993); *O enigma chinês* (1994) e *A contestação necessária* (1995).

<sup>3</sup> Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo em 19 de fevereiro de 1990 e reproduzido em 1998 no livro *A força do argumento*.

*A força dos acontecimentos*<sup>4</sup> mostra que “a história não é uma incógnita insolúvel. Mas ela é produto de atividades humanas que mal entremostam a sua face!”. As aparências eram que chegávamos ao “fim da história”, mas na verdade *nos achávamos no “início de um ciclo histórico de porte desconhecido, sem paralelos em eras anteriores”*. Grandes revoluções da ciência e da tecnologia científica viraram pelo avesso às relações de poder entre o “mundo capitalista” e o “mundo da pré-transição para o socialismo”. Os ritmos históricos do confronto desses dois “mundos”, dessas duas civilizações fora alterado no fim do século passado, no momento em que houve “uma aceleração da história sem precedentes” (FERNANDES, 1998, p. 170-172).

*A força dos acontecimentos* lhe revelava alguns resultados no plano dos equilíbrios instáveis e das acomodações das relações entre as potências “capitalistas” e “comunistas”. As potências ditas “comunistas” (qualificação por ele considerada aberrante) eram provisoriamente ultrapassadas, perdiam terreno e sofriam o desmoronamento de condições internas, que conflitavam com o sistema de valores inerente ao socialismo. A Guerra Fria que a muito lhes servia de escudo protetor artificial se esboroava. Já as nações poderosas do bloco capitalista saíam fortalecidas. Mas o esboroar da Guerra Fria também afetava o presente e o futuro de grandes cidadelas do capital e do lucro como fim último das ações humanas.

Defendeu que as revoluções científica e tecnológica acarretariam inevitavelmente alterações nas formas de reagir às contradições da civilização, do capital, das classes sociais e do Estado Behemoth capitalista. Os efeitos diretos e indiretos de tais revoluções na vida cotidiana eram transferidos para o futuro. As consequências dessas revoluções estavam atingindo rapidamente todos os níveis de organização da economia, da sociedade e da cultura.

Este era o momento em que o pragmatismo e o “neoliberalismo” subiam à tona. Mas o que restava ao pragmatismo e ao neoliberalismo como ideologia diante do esgotar, do renascer e do recompor de uma civilização, diante da exuberante criatividade do espírito humano? Como utopia, nada significavam. De volta à questão não da morte, mas da vitalidade do socialismo, concluiu: “o socialismo permanece mais vivo do que jamais esteve” (FERNANDES, 1998, p. 172).

Durante a sua campanha para deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores, em julho de 1990, saiu *Em defesa do socialismo*<sup>5</sup>, conclamando os partidos de esquerda no Brasil a unir as massas populares excluídas, as classes trabalhadoras e os setores radicais da pequena

<sup>4</sup> Artigo publicado na Folha de São Paulo em 18 de julho de 1990 e reproduzido em 1998 no mesmo livro, *A força do argumento*.

<sup>5</sup> Opúsculo divulgado em julho de 1990 e reproduzido em 1995 no livro *Em busca do socialismo*.

burguesia ou das classes médias para avançar no processo de liberação nacional e liberação dos oprimidos e dos “menos iguais”. Alertou que o desafio maior do socialismo, tanto no Brasil como em outros países da América Latina, deveria ser travado não apenas com o inimigo mais fraco, dos donos do poder brasileiros e latino-americanos, mas calibrado à luz do inimigo mais forte e hegemônico, os detentores de um sombrio “destino manifesto” e “seus aliados”. O Brasil (assim como os demais países da América Latina) deveria(m) proceder à seguinte escolha: “ser “quintal” dos Estados Unidos ou “marchar para o socialismo”? A seu juízo estávamos “entalados entre um presente odioso e um futuro pior. O mandonismo de uma classe dominante insensível hoje; e sua intermediação de uma dominação externa repelente amanhã” (FERNANDES, 1995b, p. 214).

Ainda assim se mostrou otimista por entender que vivíamos um momento rico na história, cheio de promessas e de profundas transformações em curso. A “revolução interrompida” (acepção dada por Isaac Deutscher) na União Soviética sofria um estilhaçamento que se patenteava como “o principal processo histórico dos últimos anos do século XX”. A Perestróika e a Glasnost consubstanciavam uma tentativa de descongelar a interrupção do longo processo revolucionário, que teve início no princípio do século XX<sup>6</sup>. A revolução política, então desatada na União Soviética, esmigalhava o edifício da Guerra Fria e abria novos horizontes para o mundo, do centro à periferia, dos países capitalistas aos países em vias de transição para o socialismo ou para regimes de nacionalismo libertário e revolucionário.

Em fevereiro de 1990, Florestan afirmava ser “impossível prever o curso do processo revolucionário”. Na ocasião pareceu-lhe certo que a União Soviética não superaria rapidamente os seus dilemas econômicos, culturais e políticos, e que o Leste europeu não retornaria ao seu ponto de partida. No caso do Leste, nutria certa esperança de que a escolha que não fora feita no decorrer da ocupação militar poderia então ocorrer naquele momento (já em julho de 1990). Lembrou que “a história não volta ao passado”, e otimista afirmou que o mais provável era “que as correntes históricas encaminhem alternativas nas quais a opção pelo socialismo brote das experiências truncadas e de baixo para cima”; “o que a “revolução de cima para baixo” não poderia consumir dentro das constrictões que a anulavam, ações e

---

<sup>6</sup> “Revoluções de cima para baixo”, conduzidas por meio de ocupações militares, culminaram na URSS e nos países do Leste europeu que foram incorporados pela guerra ao seu espaço geopolítico. Em seguida passaram por diversos tipos de deformações que se institucionalizaram. Vladimir Lênin logo identificou os “desvios burocráticos”, e Leon Trótski tornou-se um oponente implacável das deformações da revolução, apontando precocemente a necessidade de uma revolução política corretiva que não se concretizou. Ver o artigo *Trotsky e a revolução*, publicado em 1991 e reproduzido em 1995 no livro *Em busca do socialismo*.

aspirações espontâneas coletivas possuem chance de implementar” (FERNANDES, 1995b, p. 212).

O otimismo e esperanças arrefeceram cerca de quatro meses depois (novembro de 1990). O desmoronamento do Leste da Europa juntamente com uma crescente oposição popular às frustrações das promessas da revolução, provocaram uma erosão do sistema de poder soviético. Minada pelas promessas da revolução russa, não cumpridas ou cumpridas apenas parcial ou deformadamente, coube a União Soviética elaborar uma contra-estratégia, cujos efeitos só estariam evidentes num “futuro próximo e remoto”. Tal contra-estratégia, na qual o “vencido” audaciosamente desmontara a complexa construção da Guerra Fria e de suas funções, e ao fazê-lo transferia para o “vencedor” os custos de curta ou longa duração da reconstrução do mundo no pós-Guerra Fria, representou, a seu juízo, “o processo político de maior magnitude de nossa era”. Ainda com certo otimismo e esperança afirmou que o “vencido” preservara “probabilidades diretas e indiretas de retomar, em novas condições de não-isolamento, como participante da “casa comum” europeia, o desenvolvimento do socialismo com igualdade, liberdade e novo tipo de democracia”<sup>7</sup> (FERNANDES, 1998, p.177-8).

Mas no momento (setembro de 1991) em que o *Golpe de Estado e [a] contra-revolução*<sup>8</sup> cavaram “a ruína da existência e sobrevivência da sociedade soviética”, mostrou-se muito menos otimista e esperançoso: “hoje [09/09/1991], tudo é possível na União Soviética – da instauração de uma economia de mercado à recuperação do socialismo revolucionário, em condições de grave anomia social” (idem, p.192). Posteriormente ficaria claro que um período de longa duração da história recente encerrara-se. “O colosso que parecia imbatível foi implodido”. “A URSS investiu demais na Guerra Fria e seus desdobramentos. Retirou compensações políticas valiosas para o chamado mundo socialista. E, em algumas ocasiões, impôs aos adversários derrotas auspiciosas” (FERNANDES, 1995a, p.71).

Florestan não concebeu separar a “crise do socialismo” da “crise do capitalismo”. Afinal, o que dizer da decadência dos Estados Unidos como “nação imperial”? Concordou com Charles Wagley que “nem os romanos nem os ingleses chegaram tão longe no uso da violência e na espoliação impiedosa de outros povos”; “durante o seu fastígio imperial, foram mais duros do que Roma e mais piratas que a Inglaterra”. E vaticinou que os Estados Unidos

<sup>7</sup> Vejam o artigo *Guerra Fria*, publicado na Folha de São Paulo no dia 26/11/1990, e reproduzido em 1998 no livro *A força do argumento*.

<sup>8</sup> Artigo publicado em 09/09/1991 na Folha de São Paulo, e reproduzido no livro *A força do argumento*.

“ainda desfrutarão o outono de um imperialismo decadente. Depois, a humanidade terá de fazer a última escolha: *o Império das multinacionais ou a Civilização sem barbárie do comunismo?*” (FERNANDES, 1998, p. 206; 1995b, p. 213, grifos meu).

Ao perder sua grandeza imperial, acuados pela compressão do “perigo amarelo” (até então só nipônico) e pela expansão do mercado europeu, os Estados Unidos se voltavam para o seu “quintal”, indo além do Caribe e da América Central, e já praticando “violências aberrantes” no Panamá, na Nicarágua e em El Salvador, “afiando suas garras para ir mais fundo e mais longe”, “preparando-se para as próximas décadas” (FERNANDES, 1998, p. 206; 1995b, p. 213, grifos meu).

No vir a ser das relações entre os Estados Unidos e o Brasil, prognosticou um possível (mas não inevitável) quadro desolador de rendição incondicional do Brasil aos Estados Unidos; do nascimento aqui de um indesejável estilo de vida vindo deles; e de uma transação não vantajosa que poderá levar-nos a uma desumanização.

A internacionalização da economia, da cultura e do Estado significará, para nós, a rendição incondicional aos Estados Unidos. As compensações serão atraentes quanto ao nível de vida material dos estratos situados acima do nível de pobreza (sem distinguir entre a pobreza “relativa” e a “absoluta”, que seria o mesmo que separar a cadeira elétrica da força). (...) Nessas condições, o que é indesejável nos Estados Unidos renascerá aqui como estilo de vida. Impõem-se não esquecer: a alienação ou a brutalização produzida no trabalhador sob o capital industrial nos Estados Unidos resulta de todas as instituições-chave em conjunto. Não se configura, aí, uma transação vantajosa. A desumanização constitui o produto final de muito fatores convergentes incontroláveis. E eles são absolutos, disfarçados, endeusados: da educação à igualdade de oportunidades e à democracia erigem-se vários biombos que escondem a realidade (que os cientistas sociais explicam para a minoria esclarecida e “responsável”, interessada em manter por qualquer meio o *status quo*) e sacrificam a pessoa ao culto da competição, do lucro e da lei do mais forte (FERNANDES, [1990] 1995b, p. 213-4).

Eram reconfortantes as interpretações então difundidas a partir do núcleo capitalista e neoliberal, no momento em que a história explodia no interior do mundo capitalista e o aquecimento da revolução política dentro da União Soviética esmigalhava o edifício da Guerra Fria e rasgava novos horizontes para o mundo. Fortaleciam a pseudoexplicação científica do “fim das ideologias” e difundiam *slogans* sobre o “desaparecimento do socialismo” e a “morte do comunismo”, e ofereciam como compensação o “neoliberalismo”, “a defesa da democracia no mundo livre”, o “fim da história”, e mitos como os de “um mundo

só” e da “aliança para o progresso”, bem como a insensata fórmula de um “consenso de Washington”.

Florestan questionou a própria existência de um “neoliberalismo” e de suas “certezas infantis”, afirmando que esta ideologia não possuía qualquer espaço para concretizar-se, simplesmente pelo fato do *liberalismo já ter sido liquidado e a “revolução burguesa interrompida” no conjunto das nações capitalistas, centrais e periféricas.*

Ora, o que é questionável é a existência de um “neoliberalismo”. (...) O neoliberalismo não possui nenhum espaço para concretizar-se, porque nessa situação histórica o liberalismo foi liquidado. A revolução burguesa foi interrompida nas nações capitalistas centrais como requisito da continuidade da dominação econômica, social, ideológica e política das classes burguesas, bem como da reprodução da “civilização industrial”; e nas nações capitalistas periféricas, porque as burguesias associadas e dependentes não podiam arriscar-se à alternância de “promessa e repressão” diante da virulência popular e por causa de sua rendição silenciosa aos interesses e às pressões do sistema capitalista mundial de poder (FERNANDES, 1995b, p. 201-2).

Ao contrário da pseudo-explicação científica do “fim das ideologias”, afirmou que “nunca houve um fim das ideologias”, “as ideologias estão vivas”, e argumentou que o liberalismo fora substituído pela concepção de “defesa da democracia no mundo livre”, capaz de ocultar e mistificar “um equivalente psicológico e político do “fascismo potencial” (para uso interno e externo)” (FERNANDES, 1995b, p. 202).

No contexto em que “a democracia como valor em si e para si” eclodia como um palavrório que encurralava a produção intelectual no equivalente do silêncio astucioso e na submissão passiva, Florestan Fernandes (1995a, p. 24 e 67) deixava claro que a democracia não é um “valor universal”, um “valor em si e para si”. Assinalou a diferença entre a “democracia capitalista” e a “democracia socialista”; entre a “democracia plutocrática e militarista” e a “democracia que nasce do marxismo”: a “democracia (...) capitalista, que institucionaliza a classe como meio social de dominação e fonte de poder” não se confunde com a “democracia (...) socialista, que deve tomar como alvo a eliminação das classes e o desenvolvimento da autogestão coletiva, passando por um período tão curto quanto possível de dominação da maioria” (FERNANDES, 1990, p. 158). A “democracia plutocrática e militarista, que combina promessas com repressão (no dizer de [Ralph] Miliband)” nada tem a ver com “a democracia que nasce do marxismo”. E concluiu que “elas se alternam e se anulam, dentro de um sistema capitalista de poder que comporta regularmente manifestações

assustadoras de fascismo potencial”<sup>9</sup> (FERNANDES, 1995b, p. 120-1), tais como as demonstradas pelas retaliações econômico-financeiras contra o Japão e a “Guerra do Iraque”.

Em *Democracia e Socialismo*<sup>10</sup> afirmou que a democracia que nasce da mais precisa tradição clássica do marxismo deve ser construída coletivamente pelos seres humanos. Lembrou que essa forma mais avançada de democracia foi descrita resumidamente por Karl Marx em seus escritos da década de 1840, e examinada com extrema objetividade e crueza em sua *Crítica ao Programa de Gotha*<sup>11</sup>. E convidou-nos a também se debruçar sobre as reflexões de Rosa Luxemburgo e Antonio Gramsci sobre como chegar aos ideais democráticos e igualitários do socialismo e do comunismo, precisamente porque tanto Rosa quanto Gramsci compreenderam que as condições de atraso econômico, cultural e político na Rússia pré-revolucionária acarretavam consequências que impediam que a “ditadura do proletariado” se convertesse nesta forma concreta mais anunciada e completa de democracia, descrita e examinada por Marx; também porque foram os que melhor encarnaram que “igualdade sem liberdade não corresponde ao ideário e à utopia do socialismo”; e porque ambos “discerniram que a estatização e a socialização dos meios de produção conduziram aos ideais democráticos e igualitários do socialismo e do comunismo” (FERNANDES, 1995b, p. 157).

A importância de voltar aos clássicos do socialismo utópico e do socialismo científico é que eles sugerem “os rumos da civilização em crise: de seus escombros brotará uma civilização sem barbárie, na qual a democracia terá como premissa histórica a liberdade com igualdade e como objetivo a fraternidade humana e a felicidade de todos” (FERNANDES 1995b, p. 202).

Dizia que a grande esperança dos neoliberais é que o socialismo desapareça e que o marxismo se torne tema de mera reflexão abstrata de historiadores, filósofos e cientistas sociais. E se perguntou o que Leon Trótski pensaria diante dos artifícios e traições intrínsecos ao debate sobre o “fim do socialismo” e a “morte do marxismo”?

Ele [Trótski] (...) seria certamente muito duro na condenação de um “revisionismo” cego e destrutivo, que não busca a renovação do socialismo revolucionário, mas a sua transformação em joguete de uma guerra ideológica suja. Não deixaria de assinalar que há uma colheita desastrosa de erros acumulados, que poderiam ter sido evitados se a herança de

---

<sup>9</sup> No artigo *Trótski e a Revolução*.

<sup>10</sup> O artigo *Democracia e socialismo* foi publicado em 13/10/1989 na Folha de São Paulo, e reproduzido em 1990 no livro *A transição prolongada*.

<sup>11</sup> A *Crítica do Programa de Gotha* data de 1875, e se transformou num texto canônico do marxismo-leninismo, segundo Michel Lowy. Foi recentemente publicado no Brasil pela editora Boitempo.

Marx e Engels e o exemplo de Lênin tivessem sido postos em prática. (...) converteria sua caneta em uma chibata, desmascarando os defensores inconsequentes de um social-democratismo que destina à periferia (e aos pobres “absolutos” ou “relativos” de seus próprios povos) a “mudança social conservadora”. Ou seja, a mudança social que reproduz a ordem existente e proscree as alternativas radicais à civilização sem barbárie (FERNANDES 1995b, p. 120-1).

O “socialismo realmente existente” fora soterrado na URSS entre fins dos anos 1980 e o início dos anos 1990. Entrou em colapso não apenas por causa das contradições que exigiam valores socialistas na organização da produção, na repartição em todos os níveis e na expansão da democracia operária (ou popular), mas também por conta da escassez produzida pela permanente norma espoliativa do “socialismo de acumulação”, que não observou a norma “a cada um de acordo com sua contribuição”, e muito menos a passagem para o objetivo mais elevado “a cada um de acordo com a sua necessidade”. A revolução russa vergou-se diante do “desenvolvimento desigual”, das condições provocadas pela contrarrevolução, pelo atraso cultural de sua herança czarista, aristocrática e burocrática, pela “revolução num só país” etc. O calcanhar de aquiles da URSS nascia da impossibilidade de construir um sistema socialista mundial de poder equiparável ao das nações capitalistas hegemônicas em termos de dissuasão global. Seus adversários recorriam à luta clandestina, amparados por insatisfações internas, conflitos de raças, etnias, religiões e classes dissimulados, e por instituições especializadas na contrainsurgência, legais e religiosas. Podiam atacar a partir de dentro, pois conheciam as debilidades da URSS e os meandros para manter uma erosão interna crescente, através de detonadores contínuos.<sup>12</sup>

O que se pode aprender a partir desta tentativa revolucionária da URSS, a “mais avançada de chegar ao socialismo”?

O que se pode aprender [desta tentativa] é óbvio: o socialismo não se difunde, se aperfeiçoa e se consolida com base na ocupação militar e por métodos comparáveis aos usados pelas nações imperialistas em suas colônias e territórios dependentes. A emulação socialista é revolucionária, trate-se de reforma social ou de conquista revolucionária do poder *stricto sensu*. Se ela não atinge as cabeças e os corações dos seres humanos, ela oscila e se aniquila (FERNANDES, 1995b, p. 208).

---

<sup>12</sup> Esta argumentação foi elaborada a partir da sistematização de passagens contidas nos seguintes artigos: *Em defesa do socialismo* (1995b, p.207-8); *O socialismo está morto?* (1998, p.162); *Golpe de Estado e Contra-revolução* (1998, p.192-3); *Significado atual de Mariátegui* (1995a, p.71).

Florestan dizia que *o socialismo preservou-se como “a única alternativa viável de superação do capitalismo em seu apogeu histórico”*. Concebendo que são paupérrimas as compensações materiais oferecidas pelo mundo capitalista diante das utopias igualitárias e libertárias, de fraternidade e felicidade entre os seres humanos, prognosticou que “os anseios pela construção do socialismo terão fortes probabilidades de assumir um caráter ético e de tomar conta das consciências e do comportamento coletivo” caso “as nações capitalistas não jogarem muito dinheiro para sufocar as tensões por igualdade, liberdade, liberdade e humanismo integral” (FERNANDES, 1995b, p.202 e 212, grifos meu).

Este era o momento (julho de 1990) em que Florestan se indagava sobre os rumos do capitalismo e do socialismo: “na situação atual, tanto o capitalismo poderá desvendar o que se perde através de uma escolha amarga, quanto o socialismo poderá ser encarado como um pesadelo” (FERNANDES, 1995b, p. 212) Pouco antes (fevereiro de 1990) advertia que o que ocorria na União Soviética não se confundia com o que acontecia no Leste europeu, na China, no Vietnã, na Albânia, em Cuba etc. O Leste da Europa ainda não havia desmoronado, contribuindo para a erosão do sistema soviético. E pouco tempo depois, o imbatível colosso era implodido e o Leste mergulhara “nas trevas”. O capitalismo então desvendava o que se perdia através da amarga escolha do Partido Comunista, de desvirtuar os soviets e convertê-los em instrumentos maleáveis de legitimação do Estado ungido ao monolitismo e ao substituísmo do partido, esterilizando assim o seu poder real coletivo.<sup>13</sup>

A China logo passou a ser o desafio para aqueles que introduziram o caos no Leste europeu e na URSS, para os que desmantelaram com mentes, armas e dinheiro o “perigo comunista”. Para estes, “certas concessões” que o governo chinês vinha então fazendo significava o começo da penetração capitalista e o restabelecimento de um vasto império transcolonial na Ásia. Para Florestan, a China avançava no caminho socialista e mantinha acesa a chama de irradiar o comunismo, torná-lo uma realidade.

A partir da leitura do relatório do presidente Jiang Zemin para o 14º Congresso do Partido Comunista Chinês (PCC), tirou conclusões críticas contra os mitos e as utopias externas da fragilidade da China e de seu líder Mao Tsé-tung. Mao ressurgiu como uma referência essencial nos ziguezagues que prevalecem, com o objetivo de criar o “socialismo com peculiaridades chinesas”. Abertura, reforma e modernização são os fulcros da consolidação e desenvolvimento da etapa primária em curso, concebida para durar pelo menos

---

<sup>13</sup> Vejam o artigo *Golpe de Estado e Contra-revolução*.

cem anos, e para impedir tenazmente a “liberalização burguesa” (FERNANDES, [1990] 1998, p.226).

Lembrou com Jiang Zemin que a modernização socialista deve ser impulsionada, superando com realismo os obstáculos internos e externos. E retomou afirmações de Deng Xiaoping proferidas durante a 6º sessão plenária do 13º Comitê Central do PCC), as quais se referem aos requisitos das chamadas “quatro modernizações”: “primeiro, há que persistir no caminho socialista. Segundo, há que persistir na ditadura do proletariado. Terceiro, há que persistir na direção do PCC. Quarto, há que persistir no marxismo e no pensamento de Mao Tsé-tung”. Para decifrar *O enigma chinês*<sup>14</sup> primeiro era preciso entender que “a opção é pela continuidade revolucionária, ainda que em condições difíceis”, e segundo que “a China acelera o desenvolvimento e se impõe no cenário mundial, graças ao ímpeto unificador da revolução em processo” (FERNANDES, [1990] 1998, P. 227). quanto ao Vietnã, que “colocava na cena histórica a fibra de velhas civilizações”? E quanto *A Albânia*<sup>15</sup>, “um dos países em transição para o socialismo menos conhecido e mais estigmatizado”? (FERNANDES, 1994a, p. 78 e 94). E Cuba? Conseguiram ou não, e de que forma, evitar o vendaval que atingiu os países do Leste europeu e a União Soviética? Esta é uma questão que em parte ultrapassa os nossos propósitos no presente. Ultrapassa porque os casos do Vietnã, da Albânia e de outros países que tentaram e persistem na via da revolução socialista não serão aqui estudados. Mas ultrapassa apenas em parte porque os propósitos desta tese se vinculam diretamente no estudo da *revolução socialista em Cuba*. Não obstante a esta observação, cumpre-nos registrar *O teste do socialismo*<sup>16</sup> mostrava que a desagregação dos países do Leste e da União Soviética parecia assinalar uma degringolada geral invencível. O mercado, o lucro, a iniciativa privada, a privatização, o “neoliberalismo” teriam congelado a história e os dinamismos da civilização produzidos pelo trabalho, pelo capital, pela dominação e luta de classes, pela educação, a ciência e a tecnologia, pelo Estado, por ideologias e utopias de raízes mais ou menos remotas. E o que observamos? O renascimento de velhos processos, de cuja destruição, superação e controle nasceu o mundo existente e a aspiração de transformá-lo (FERNANDES, [1993] 1998, p. 208-9).

França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e Japão retrocediam à condição de “centros de barbárie” e de “sociedade civil não civilizadas”. A partir de tecno-estruturas, de

<sup>14</sup> Artigo publicado na Folha de São Paulo no dia 31/01/1994, e reproduzido em 1998 no livro *A força do argumento*.

<sup>15</sup> Vejam o artigo *A Albânia*, publicado pela Folha de São Paulo em 26/02/1990 e reproduzido em 1994 no livro *Democracia e Desenvolvimento*.

<sup>16</sup> Artigo publicado na Folha de São Paulo em 11 de janeiro de 1993 e reproduzido em *A força do argumento*.

acumulação capitalista desenfreada e da violência destrutiva é que a chamada “globalização” punha em risco a civilização construída ao longo de vários séculos, por difusão e invenção de técnicas sociais e de valores espirituais, que fizeram da civilização algo inédito como “produto do homem”. Repunha-se o desafio de modo cru: *socialismo ou fim da civilização!* Florestan dizia que o fim dessa civilização poderia se dar por via natural ou cultural, e que o “capitalismo oligopolista hodierno” antecipara-se a qualquer catástrofe natural, erigindo a via histórica como veículo da autodestruição da humanidade, da civilização e do universo, gerando assim uma “última escolha” (FERNANDES, 1998, p. 208-9).

Os que têm interesse pelo futuro não podem ignorar as forças contrarrevolucionárias que defendem ativa ou violentamente a ordem social burguesa, nem tampouco as forças revolucionárias que as combatem. Em seu último livro Florestan alertava para as dificuldades da análise sociológica da correlação entre essas duas forças conflitivas, de seus complexos micro macroeconômicos, sociais, culturais e políticos. Num plano mais macro, argumentava que a vitória de uma civilização não indicava a “morte” ou o “fim” da outra. Novas correlações de forças humanas viriam decidir *o que sobreviveria, a civilização com ou sem barbárie no longo prazo ou combinações imprevisíveis no curto prazo?* Dizia que os ritmos históricos entre a civilização capitalista e a emergente civilização semi-socialista eram desiguais, e que os ritmos históricos mais rápidos e fortes deslocaram os ritmos históricos mais lentos e fracos (FERNANDES, 1995a, p. 71-72).

Os ritmos mais rápidos e fortes eram ditados por uma “onda conservadora” cujo centro dinâmico encontrava-se nos países em que o capitalismo se redefinia em função da “globalização” da economia mundial e das transformações do Estado para fins de adaptar a sociedade civil ao “neoliberalismo” e à consequente modernização. Às questões que então se colocava era saber o que o capitalismo monopolista automatizado remetia e arrancava daqueles países da periferia, subcapitalista ou em desenvolvimento capitalista, nos quais a lenta transição para o socialismo não havia sido ainda arrasada? Ciência, tecnologia, tecnocracia racionalizada seriam enfim colocadas a serviço de “homens livres e iguais” ou serviriam apenas à concepção romana de riqueza, grandeza e poder, repetida no “destino manifesto” dos Estados Unidos e na conglomeração de potências que encarnavam a mesma aspiração de alcançá-la? Qual seria a essência civilizatória desse “capitalismo ultramoderno”? Conteria ele a propensão para abolir as classes sociais, a dominação de classes e a sociedade de classes ou ocultaria tal propensão numa miragem chamada “neoliberalismo”? Mas que razões poderiam impor o neoliberalismo como fator de controle na criação do pensamento e

nos incentivos do conformismo à uma ordem “pós-capitalista”? (FERNANDES, 1995a, p. 8, 63 e 24).

Uma civilização que repousa na riqueza, na grandeza e no poder por quaisquer meios há de exigir um sistema social de exclusão, opressão e repressão. Pode até manter-se e reproduzir-se liberando suas potencialidades fascistas e racistas, devastando a natureza, a humanidade e a cultura. Mas sua estrutura, funcionamento e ritmos históricos arruinam seus alicerces e sua perenidade. Pouco importa que seus agentes históricos não sejam exclusivamente proletários ou todos àqueles que repudiam a iniquidade como estilo de vida (FERNANDES, 1995a, p. 62).

Para Florestan, as contradições do capitalismo de então aumentavam sem cessar, ao ponto de encurtar o espaço até da socialdemocracia associada à reprodução da social ordem vigente. A escolha entre o colonial, o privilégio e a rebelião poderia crescer segundo ritmos históricos lentos e sinuosos. Mas tal escolha não se desvaneceria como as nuvens, a menos que a subalternização penetrasse e paralisasse os que sofrem com a opressão e a miséria, sucumbindo à condição de escravos: “os condenados da terra têm o que fazer e, se eles não fazem, a história estaciona” (FERNANDES, 1995a, p. 17-8; 1981, p. 11).

Daí toda a *defesa do socialismo*, pois “é no socialismo, redefinido de acordo com sua essência, que se corporifica a restauração da capacidade dos seres humanos de intervir construtivamente na natureza, na civilização e na perenidade da vida no universo” (FERNANDES, [1990] 1998, p. 209); “somente o socialismo – e note-se: *o socialismo revolucionário – contém a chave de uma alternativa para a vontade de viver!*” (FERNANDES, 1995b, p. 214, grifo nosso). Diante de tal perspectiva, o marxismo ganhava plena atualidade e necessidade, mas com um importante aprendizado: “*o desfecho se apresenta em um quadro no qual já conhecemos a natureza das revoluções e do desenvolvimento do socialismo na periferia mais pobre do mundo capitalista*” (idem, grifos meu).

### **Em defesa de um novo marxismo<sup>17</sup>**

No ano do centenário da morte de Marx, em 1983, Florestan escrevia sobre *A atualidade de Marx*<sup>18</sup> e criticava ensaístas, publicistas e o “pensamento oficial” do mundo

<sup>17</sup> Para sair *Em defesa do marxismo* valemo-nos de diversos outros textos de Florestan, que datam de 1983 a 1995. São eles: *A atualidade de Marx* (1983); *Reflexões sobre o socialismo e a auto-emancipação da classe trabalhadora* (1991); *O significado atual de José Carlos Mariátegui* (1994); e o prefácio de *A contestação necessária* (1995).

acadêmico de então por produzirem uma “terrível mistificação” e um “diálogo absurdo” com Marx, no qual o capitalismo atual nada teria a ver com o “capitalismo de Marx”. Aos reacionários e revolucionários não haveria qualquer esperança de mudança. Chegávamos ao fim do mundo pelo imobilismo do ser humano como entidade racional e moral, pela paralisia da sociedade como elemento impulsionador da mudança social progressiva ou revolucionária.

“Os seres humanos chegaram até aqui e pararam!” No centro e na periferia, mudaram a tecnologia e a escala da produção, as estruturas sociais que movimentam toda a economia, em âmbito nacional e mundial. Para eles, até as classes e a exploração capitalista impiedosa teriam desaparecido, como uma triste fase histórica da industrialização incipiente da Europa. Redistribuição de renda, revolução do consumo, crescimento das classes médias, universalização das garantias sociais e dos direitos civis e políticos, democratização da cultura e de um nível de vida “humano”, internacionalização do sistema de produção e de poder do capitalismo, modernização do Estado representativo, conjugado à responsabilidade da iniciativa privada e à ação participativa das massas, teriam engendrado uma nova realidade histórica. Na forma e nas estruturas, a sociedade capitalista do século XX livrou-se dos anátemas das “doutrinas de Marx”. Por sua vez, as grandes revoluções proletárias caíram nos impasses do socialismo difícil. Contudo, elas também seriam um bom termômetro negativo. Primeiro, das alterações do mundo moderno e da direção para as quais elas caminham. Autores famosos demonstraram, pela comparação “empírica” e pela reflexão amparada em dados estatísticos, que os dois mundos, o capitalista e o socialista, caminham no mesmo sentido e, no essencial, buscam objetivos análogos. Ambos são sociedades industriais e se distinguiram somente pelas diferenças existentes no controle do trabalho (“democrático” ou “autoritário”) e pela capacidade maior do capitalismo de afogar a população trabalhadora no ópio do consumo em massa e dos prazeres da vida. Ambos são sociedades conformistas, submetidas a “tecnoestruturas” eficientes, que extinguiram as contradições sociais (ou as congelaram historicamente) e lograram extirpar os conflitos das “relações humanas”. Portanto, no ápice das grandes transformações da civilização moderna, a história teria desaparecido como realização coletiva dos seres humanos. Sob o capitalismo monopolista ou sob o “socialismo real”, não existiria mais história (FERNANDES, [1983] 1995b, p. 34).

---

<sup>18</sup> Ensaio publicado pela Folha de São Paulo em 13 de março de 1983, reproduzido no livro *Em busca do socialismo* pela Editora Xamã em 1995.

Tal visão “sincera” da realidade se equacionaria na “síndrome de decadência de uma civilização”, numa espécie de “moléstia intelectual madura”, de “conturbação mental”.<sup>19</sup> É que nas condições objetivas que cercavam o “capitalismo monopolista” de então não havia mais “espaço histórico que permitisse restringir a deformação do conhecimento na esfera das ciências sociais”. A hegemonia da classe burguesa exigia “uma conversão imediata da ciência em técnica social de controle – como meio de obter consenso ou de dissociar o comportamento das massas de qualquer objetivo independente”. A objetividade tornava-se, em si mesma, incompatível com a dominação ideológica da burguesia. Instaurava-se uma “deterioração fantástica” das ciências sociais, a substância do método científico se dissolvera e o economista cedia lugar ao cientista político como o novo “sacerdote da burguesia” (FERNANDES, 1995b, p. 35-38).

O paradigma de explicação das ciências sociais ou fomenta os “procedimentos empíricos” (naturalmente necessários à coleta de informações indispensáveis para qualquer técnica de controle) ou exalta os “procedimentos sistêmicos”, pelos quais a história é volatilizada e a ciência é convertida em equivalente das divagações filosofantes. A regressão apontada está aí: o novo “sacerdote da burguesia”, o cientista político, por exemplo, opera com um jargão abstrato e formal, reduz a análise funcional a uma operacionalização da razão de categorias mentais arbitrárias, tomadas como “axiomáticas”, e converte a perspectiva comparativa em uma sala de espelhos. O que resulta não é um saber filosófico deturpado pela pretensão científica – é um idealismo inconsequente, que restabelece o primado da filosofia do espírito, destituindo-a, porém, de qualquer modalidade de razão filosófica e de consciência histórica (FERNANDES, 1995b, p. 38).

A crise das ciências sociais refletia e acompanhava a crise da civilização burguesa. À crise das ciências sociais, assegurava Florestan, não poderia nem deveria afetar a proposta de uma “ciência social histórica rigorosa”, que precisaria crescer buscando o ponto de superação da crise da civilização burguesa e a constituição de uma nova civilização. Daí a necessidade de um pensamento crítico que seja capaz de superar a filosofia em favor da ciência, mas sem abandoná-la, suficientemente compreensivo e objetivo para articular entre si uma atitude materialista consistente, o método científico mais rigoroso e a análise dialética objetiva das categorias de representação e de explicação do real. Em suma, necessitamos de uma ciência social histórica que abarque a totalidade da situação humana, que possa apreender a um tempo

---

<sup>19</sup> Poucos teriam escapado dessa “síndrome de perversão da razão”, onde a razão perde toda relação instrumental com o real, justamente por não estarem presos à “tirania dos fatos concretos”. Entre estes poucos, alguns historiadores e outros poucos antropólogos.

natureza e personalidade, estrutura e dinamismo, economia e sociedade, ideologia e verdade, o movimento histórico efetivo como ligação entre passado e presente e como criação incessante de um futuro novo, pelo qual a negação do presente apareça como abolição revolucionária da situação existe pela atividade coletiva dos seres humanos. Uma ciência social histórica que combine, intrínseca e objetivamente, a crítica de si mesma com o conhecimento à crítica da ordem existente tal como ela se produz pela luta de classes, pela desalienação ativa e pela autolibertação coletiva dos oprimidos, ou seja, que se manifeste univocamente como teoria e prática, como expressão autêntica da verdadeira ciência em sua capacidade de transcender ao enquadramento ideológico burguês e de fazer parte do “movimento que abole o presente estado de coisas”, isto é, de ser comunista, de identificar-se com a situação social de interesses de classe dos trabalhadores e com o que ela significa para o advento e o desenvolvimento de um novo ciclo histórico revolucionário (FERNANDES, 1995b, p. 37).

É em Marx e na tradição marxista que encontramos as bases para uma rigorosa ciência social histórica. Como vimos, Marx foi o único pensador moderno que não envelheceu por ter sido intrinsecamente revolucionário. Devemos ter em mente que ele operou com as condições objetivas da produção e reprodução do modo de produção capitalista, que apanhou o capitalismo em um momento que lhe permitia considerar todos os dinamismos fundamentais desse modo de produção: desde os de sua constituição até os de sua transformação, negação, dissolução e superação, em outros termos, tanto os dinamismos que levariam ao período de transição socialista, quanto os que exigiriam num vir a ser mais distante o advento do comunismo. E devemos não esquecer que há trinta anos (assim como hoje), o problema central foi (e continua a ser) investigar intensamente as revoluções proletárias, as contradições do “socialismo difícil” e os por quês do retardo do advento do comunismo.

Florestan dizia que o verdadeiro diálogo com Marx está na “confluência da investigação científica com o desenvolvimento histórico e os fins essenciais do socialismo” (FERNANDES, 1995b, p. 39). A *atualidade de Marx* está na presente situação econômica, cultural e política que ainda aguarda nas estruturas mais profundas da sociedade o momento de eclosão histórica, o momento da verdadeira revolução, cujo resultado será a dissolução da sociedade burguesa e da “pré-história” da humanidade. A atualidade de seu pensamento teórico e prático está no fato dele ter extraído objetivamente, do movimento comunista visto como abolição de um certo estado de coisas, qual era a essência e o próprio vir a ser do período de transição. Ao contrário do capitalismo, o socialismo não teria a escorá-lo uma ordem social estavelmente fixada no solo histórico. Ele teria de diluir-se, como negação da

ordem burguesa e de si próprio, mera antecipação parcial e provisória de uma ordem social que só seria instituível e persistente depois do advento do comunismo (ou seja, depois que o próprio socialismo fosse dissolvido e superado) (FERNANDES, [1983] 1995b, p.40).

Sabemos que foi com base nessa ampla perspectiva da transição da ordem burguesa para o socialismo e o comunismo que Florestan procurou entender o presente e o futuro da humanidade, para além das avaliações derrotistas do “socialismo real”. Essa ampla perspectiva fora inicialmente exposta por Marx nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 – Introdução* (texto publicado integralmente apenas em 1932), e por ele em conjunto com Engels no *Manifesto do Partido Comunista* de 1848. Em ambos escritos há a presunção de que o socialismo e o comunismo vingarão não por força da utopia de alguns socialistas, mas pela revolta das forças produtivas modernas contra as modernas relações de produção, e pela união dos proletariados de todo o mundo.

Ao final da primeira metade dos anos 1990, cerca de dez anos após a publicação de *A atualidade de Marx*, Florestan dizia parecer que o “capitalismo oligopolista automatizado” e “global” suprimira eternamente as diversas correntes do anarquismo, do socialismo e do comunismo.

O marxismo, em particular, espelharia não a humanidade em vir-a-ser e o seu futuro, mas as quinquilharias arcaicas dos meados do século XIX, na Inglaterra e na França. Estraçalhado pelo apogeu da Guerra Fria, seria o índice de debilidades congênitas e dos paradoxos que esmagaram “ideólogos dogmáticos” com suas fantasias exóticas. Adeus ao marxismo e às suas ilusões! (FERNANDES, 1995a, p. 61).

Não se tratava apenas de intolerância e de estigmatização. Parecia que no extremo da concentração da riqueza, da alienação do pensamento e da reorganização do poder estatal, o “capitalismo oligopolista automatizado” refletia-se através de imagens que lhe subvertiam a natureza. Na plenitude mesmo de sua vitalidade é que se irradiava a impressão de que o Estado capitalista se deparava com ameaças e sortilégios emanados do socialismo ou do marxismo. Mas o que poderia explicar tanta animosidade e ódio se todas as vias para se chegar ao socialismo tivessem sido irremediavelmente inviabilizadas? Quando diziam (e ainda dizem) que não havia mais ideologia, mais classes sociais, que o “marxismo morreu” e o socialismo não era alternativa para nada, que enfim chegávamos ao “fim da história”, o que estavam (e ainda estão) tentando fazer? Estavam querendo esmagar as convicções de que havia (como ainda há) indestrutíveis soluções para os problemas legados pelo capitalismo e que elas se encontravam (como ainda se encontram) no socialismo FERNANDES, 1995a, p. 7; 1995b, p. 239 e 241.

Nesse contexto, Florestan destacou um ponto fundamental: o fato de o comunismo ter permanecido intocável ao longo das crises da União Soviética e do Leste europeu. E argumentou que a condenação do comunismo e dos clássicos do comunismo não afetava a essência do socialismo, como regime de transição, nem implicavam, lógica e historicamente, a liquidação do comunismo. Não afetou *a essência do socialismo*, a “*democracia da maioria*” e a *garantia de sua dissolução para posterior implantação da “democracia plena”* (esta já sob o comunismo), porque com a queda do muro de Berlim e o fim da Guerra Fria a democracia deixou de ser imposta como hipocrisia, pelos socialistas e comunistas, e como vestal pelos neoliberais. E não implicou na liquidação do comunismo porque como poderia ele afinal medir-se na pugna final com o capitalismo antes mesmo de seu advento histórico concreto? A estigmatização do socialismo e do comunismo perdia sua razão de ser, descobria-se que “o marxismo não estava morto” e que ele “recobrou sua estatura original” (FERNANDES, 1995b, p. 213).

O socialismo continua vivo e o marxismo contém o mesmo significado científico, ideológico e político que sempre teve, seja como o meio de descoberta e de difusão da compreensão global dos processos gerais de transformação da civilização existente, seja como organização coletiva dos trabalhadores e de sua revolução social. (FERNANDES, 1995b, p. 202).

Em suas *Reflexões sobre o socialismo e a auto-emancipação dos trabalhadores*, num diálogo com os trabalhadores de São Bernardo do Campo e Diadema, no interior do Estado de São Paulo, dizia que vivíamos numa época histórica muito distinta e na qual tínhamos que *procurar outras vias para se chegar à revolução e ao socialismo*. Isso lhe parecia muito claro e deveria ser *o ponto de partida da reflexão socialista revolucionária*. Acreditava ser esta uma perspectiva viável, do contrário às nações capitalistas centrais não procurariam esmagar tudo o que pudessem da herança daquelas revoluções (FERNANDES, 1995b, p. 139).

As técnicas de revolução precisavam (e precisam) ser alteradas e adaptadas às condições tecnológicas, produtivas e históricas do mundo de então (e de hoje). O paradigma não estava (como ainda não está) no passado, mas na relação do presente com o futuro. Em meados dos anos 1990, Florestan dizia ser difícil imaginar o futuro da perspectiva socialista, e se mostrou convicto da necessidade da alternativa socialista revolucionária, mas dizia que ainda “*não sabemos como torná-la vitoriosa. O desafio “que fazer?” complicou-se para os de baixo*” (FERNANDES, 1995b, p. 240, grifos nossos). Para tornar a alternativa socialista vitoriosa, a classe trabalhadora teria (e ainda têm) que estabelecer estreitos laços não apenas

com o setor agrário, mas também com a pequena burguesia, os intelectuais radicais e estratos que se situavam (e se situam) na chamada classe média. A sua força destrutiva precisava (e ainda precisa) ser vista como “uma totalidade e em todo o seu vigor” (FERNANDES, 1995b, p. 240-1).

Daí todo o ímpeto de *A contestação necessária*, daí a necessidade de se recuperar o *Significado atual de José Carlos Mariátegui*<sup>20</sup>, de alguém que sabia que o capitalismo não consegue resolver os “problemas humanos” por ele próprio gerado e multiplicado; que sabia que os progressos do capitalismo aumentam a barbárie; que o capitalismo não sucumbiria por seus êxitos (na engenhosa fórmula de Joseph Alois Schumpeter), mas por suas contradições; de alguém que por sofrimento, auto-superação e sublimação consciente de esperanças e decepções foi capaz de interpretar o presente como antecipação do futuro.

Florestan argumentava que “o diálogo com Mariátegui<sup>21</sup> deve possuir a natureza de opção lúcida” (FERNANDES, 1995a, p. 62), que seja capaz de levar em conta a sua compreensão sem censuras do marxismo.

A atração de Mariátegui pelo marxismo (...) brota da descoberta de uma resposta à sua ansiedade de observar, representar e explicar processos históricos de longa duração e de uma proposta revolucionária concomitante, que vincula dialeticamente passado, presente e futuro. Colonização e descolonização, revolução social e ser peruano e latino-americano entrelaçavam-se irreversivelmente. A captura da inteligência de Mariátegui não provinha da escala de grandeza de Marx como filósofo, crítico da ciência social existente e combatente do socialismo revolucionário consequente. Ele deitava raízes mais profundas no esclarecimento do ser, no entendimento integral de uma civilização nativa estiolada pela colonização e na necessidade de romper com um opróbrio que esta só explicava parcialmente. (...) À medida que suas indagações avançam, ele se mede com a tradição marxista mais pura e exigente; e se eleva, dentro dos marcos culturais peruanos e latino-americanos, ao nível dos fundadores do marxismo, como produtor de conhecimentos e homem de ação. Se tivesse vivido até hoje, travaria muitos embates a favor e contra deslocamentos das revoluções proletárias e não

---

<sup>20</sup> Texto publicado originalmente em comemoração ao centenário de Mariátegui, no Anuário Mariáteguiano, em Lima, Amauta, v.6, n.6, no ano de 1994. Foi reproduzido em 1995 no livro *A contestação necessária*.

<sup>21</sup> Mariátegui nasce em Lima, no Peru, e viveu entre os anos de 1895 e 1930. “Político e pensador peruano, foi o primeiro intelectual americano a aplicar de forma rigorosa o modelo marxista do materialismo histórico à realidade concreta da América hispânica. Em 1919, com bolsa de estudos, transferiu-se para a Itália, onde experimentou a influência de pensadores marxistas. De regresso ao Peru em 1923, integrou-se à Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), encabeçada por Victor Raúl Haya de la Torre. Após abandonar as fileiras do PARA, criou a revista *Amauta* (1926-1930), através da qual difundiu suas teorias políticas. Em 1928 desempenhou papel fundamental na fundação do Partido Comunista Peruano. Nesse mesmo ano publicou sua obra capital, *7 Ensaios de interpretação da realidade peruana*” (FERNANDES, 1995a, p.60).

fugiria às contradições impostas por esta época, que alarga e complica as tarefas teóricas e práticas dos que se pretendem marxistas (FERNANDES, 1995a, p. 69-70).

Florestan recorreu a Mariátegui por ser ele pioneiro tanto na pugna com os conservadores que encaravam o marxismo como ilusão, quanto na crítica a companheiros que não avançavam com a sua fibra e perspicácia na interpretação da situação histórica peruana e latino-americana. Também porque Mariátegui lembra que “nossas raízes brotam e sobrevivem na América Latina”. E pela obviedade de que ele não engoliria a mistificação propalada em fins do século XX de que o “socialismo está morto”. Além disso, via em Mariátegui “o intelectual marxista mais puro e apto para perceber o que sucedeu” assim como, se vivo fosse, “para traçar os caminhos de superação que ligam dialeticamente a terceira revolução capitalista à plenitude madura do marxismo revolucionário”. Considerava-o nada menos do que “o intelectual marxista por excelência da América Latina”, “o farol que ilumina, dentro da pobreza e do atraso da América Latina, os limites intransponíveis da civilização capitalista e as exigências da “civilização sem barbárie”, que as revoluções proletárias não lograram concretizar”, “o horizonte intelectual e político dos que querem conferir aos latino-americanos a opção pelo marxismo” (FERNANDES, 1995a, p. 18, 64, 67, 68 e 73).

Até fins do século XX, apenas Cuba em toda a América Latina permanecia fiel ao marxismo e ao comunismo, apesar das aparências em contrário. Não obstante a isso, é bom lembrar que as revoluções anticolonial e nacionalista subsistiam bem como o significado do socialismo preservava ou enriquecera em diversas regiões, dentro e fora da região (FERNANDES, 1995a, p. 67 e 8).

Convivemos, pois, com uma situação histórica rica para o socialismo e o marxismo revolucionário. Circunstancias que fomentam o inconformismo a partir de dentro e desembocam em uma das saídas possíveis, seu enlace com o socialismo e o marxismo, *como alternativa para a ordem social totalitária que ignora suas estruturas e dinamismos reais*. Os países que ainda não se desprenderam do ventre materno revolucionário fazem tudo o que podem, ainda que de forma oscilante, para conciliar as pressões “neoliberais” com a continuidade e o fortalecimento da pré-transição para o socialismo. Ao preparar-se para “ganhar fôlego”, definem seu próprio campo no plano mundial e contra as tendências da “globalização capitalista” (FERNANDES, 1995a, p. 65-66, grifos no original).

Para Florestan, aceitar a ideia de que o marxismo está enterrado e a classe trabalhadora condenada a ser subalterna na sociedade capitalista recente, ainda que com um melhor padrão de vida, mas com profundas desigualdades sociais e cicatrizes insanáveis, significa se comprometer com a ideia de que os trabalhadores não possuem condições nem meios para

organizar com suas próprias mãos e cabeças uma sociedade nova, distinta da “democracia ampliada”, e que evoluirá até o comunismo (FERNANDES, 1995b, p. 226).

## Referências

- FERNANDES, Florestan. **A natureza sociológica da sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.
- \_\_\_\_\_. Democracia e socialismo [13/10/1989]. In: FERNANDES, Florestan. **A transição prolongada**: o período pós-constitucional. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 156-159.
- \_\_\_\_\_. **Democracia e Desenvolvimento**: a transformação da periferia e o capitalismo monopolista da era atual. São Paulo: Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A contestação necessária**: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários. São Paulo: Ática, 1995a.
- \_\_\_\_\_. **Em busca do socialismo**. São Paulo: Xamã, 1995b.
- \_\_\_\_\_. **A força do argumento**. São Carlos: UFSCar, 1998.